

# CAMINHANDO PARA A INCLUSÃO: NARRATIVA DE VIDA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

## *WALKING TOWARDS INCLUSION: A LIFE NARRATIVE BY A TEACHER OF PHYSICAL EDUCATION AND THE DISABLED PERSON*

Jorge Marcos Ramos  
Adriana Barroso de Azevedo

*Universidade Metodista, UMESP, São Paulo, Brasil*

### **Resumo**

O percurso histórico da educação física carrega consigo marcas de uma história excludente, sendo utilizada inicialmente para preparar a juventude para a defesa da nação, em outro momento para fortalecer o trabalhador para a indústria e, posteriormente, para formar talentos esportivos para representarem a Pátria nos Eventos Internacionais. O presente trabalho teve como objetivo compreender a trajetória de vida de uma professora de educação física e a chegada de pessoas com deficiências nas suas aulas regulares. Utilizamos para a interpretação dos fenômenos a pesquisa narrativa e as aproximações desse relato com as pesquisas (auto) biográficas. Buscamos suas experiências vividas por meio de provocações problematizadoras. Foram realizados três encontros para a escrita dos relatos. Foi possível observar certa dificuldade por parte da professora participante em falar do vivido. No seu desenvolvimento, a mãe teve papel fundamental, pois sempre falava que ela deveria ser forte e que existiam pessoas em situações piores que a dela. O tratamento dispensado aos seus alunos com deficiência está ancorado na maneira como foi tratada por sua mãe procurando passar para seus alunos as suas reais possibilidades.

**Palavras-Chaves:** Atividade Motora Adaptada. Educação Física. Narrativa. Inclusão.

### **Abstract**

The historical path of physical education carries with it marks of an exclusive history, being used initially to prepare youth for the defense of the nation, at another time to strengthen the worker for industry and later to train sports talents to represent the Fatherland in International Events. The present work aimed to understand the life trajectory of a physical education teacher and the arrival of people with disabilities in their regular classes. For the interpretation of the phenomena, we used narrative research and the approximations of this report with (auto) biographical research. We seek their experiences through problematizing provocations. Three meetings were held for the writing of the reports. It was possible to observe some difficulty on the part of the participating teacher in talking about what she had lived. In her development, the mother played a fundamental role, as she always said that she should be strong and that there were people in worse situations than hers. The treatment given to her students with disabilities is anchored in the way she was treated by her mother, trying to pass on to her students her real possibilities.

**Keywords:** Adapted Motor Activity. Physical Education. Narrative. Inclusion.

## 1 Introdução

No texto a seguir será apresentada a trajetória de vida de uma professora de educação física que se tornou defensora das pessoas com deficiências, acreditando nas suas potencialidades.

Dentro desse enredo também é abordado de maneira resumida o olhar da sociedade para identificar o fora do padrão, ou seja, indivíduos que apresentam características diferentes daquelas encontradas na maior parte dos componentes do seu meio. E isso não está relacionado à simples diferença e sim ao impacto que essa diferença poderá acarretar na manutenção do equilíbrio desses grupos sociais (FREITAS; SILVA, 2005). Pode-se dizer que as diferenças estabelecidas entre os seres humanos também estão relacionadas à detenção do poder, por meio da classificação ou ainda pela lógica da normalização as diferenças nessa perspectiva evidenciam a hierarquização e com isso a valoração dos membros dessa sociedade (FERREIRA; DAOLIO; DE ALMEIDA, 2017).

É apresentado também o percurso da educação física a qual carrega consigo marcas de uma história excludente, sendo utilizada inicialmente para preparar a juventude para a defesa da nação, em outro momento para fortalecer o trabalhador para a indústria e posteriormente para formar talentos esportivos para representarem a Pátria nos Eventos Internacionais (CASTELLANI FILHO, 2000). Vale destacar que ao considerar o corpo somente a partir do viés biológico, estamos desconsiderando o uso cultural que o ser humano faz do corpo como instrumento para a comunicação com o mundo. Aqui também há que se levar em conta que ao fazer essa afirmação, não estamos excluindo os aspectos biológicos do corpo, até porque de acordo com Mauss (2003), o corpo deveria ser entendido como uma unidade biológica, sociológica e psicológica.

A Educação Física contemporânea pode ser compreendida como área que aborda as atividades corporais levando em conta as suas dimensões culturais, sociais e biológicas, sendo assim extrapola as questões relacionadas somente à saúde, apresentando diferentes produções culturais as quais levam em conta aspectos lúdicos e estéticos, deixando de ter como foco apenas o esporte ou os exercícios físicos voltados para uma perspectiva restrita à promoção e ao desempenho atlético (DAOLIO, 1998).

Atualmente, o objeto tratado pela educação física deveria ser a cultura corporal do movimento. De acordo com Lazzarotti Filho *et al.* (2010), a expressão cultura corporal do movimento faz oposição ao conceito das definições biologicistas de movimento humano. O termo cultura corporal do movimento tem sido um termo utilizado para referir-se ao corpo como expressão da cultura, produto da história dos seres humanos e das sociedades, sendo dessa forma impossível dissociá-los.

A constituição do ser docente surge no decorrer da sua formação pessoal e profissional. Segundo Antunes (2001), a prática docente é resultado dos conhecimentos adquiridos no curso de licenciatura bem como das experiências da sua trajetória de vida.

O presente trabalho teve como objetivo compreender a trajetória de vida de uma professora de educação física e a chegada de pessoas com deficiências nas suas aulas regulares.

## **2 Método**

Esse estudo foi do tipo qualitativo, por meio da narrativa da trajetória de vida da professora participante. A pesquisa qualitativa procura responder a questões muito particulares, ela se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Diante disso, a pesquisa qualitativa busca apresentar aquilo que não pode ser mensurável por números, pois as ações e os sujeitos são elementos indissociáveis. Dessa forma, em se tratando do sujeito devemos levar em consideração sua subjetividade, sendo que as suas particularidades não podem ser simplesmente transformadas em números quantificáveis.

Para a pesquisa narrativa, as histórias estão intimamente relacionadas às dimensões temporais, sociais e situacionais, ou seja: as dimensões do espaço podem ser explicadas como: a dimensão temporal, que é relativa ao presente, passado e futuro; há também uma dimensão relacional, que é pessoal e social; e, finalmente, uma terceira dimensão que é a situacional, que lida com lugares ou sequência de lugares nos quais a experiência se passou (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Foi utilizado o próprio local de trabalho da professora participante para a realização das entrevistas e escrita do relato da história de vida. Foram estipulados três encontros programados (três segundas-feiras consecutivas) para o levantamento das informações necessárias, com duração de até 3 horas cada um dos encontros.

Assim, ao longo da escrita procuramos dialogar sobre a pesquisa narrativa que carrega em suas enunciações a totalidade de uma experiência vivida, que outrora já foi significada, e agora, quando comunicada ao pesquisador, é (re) significada pela trajetória histórica e social de quem narra (DE SOUZA; ABRAHÃO, 2006).

A participante deveria estar presente nos três encontros, tendo em vista que as narrativas do 1º encontro norteariam as problematizações para o 2º e as desse encontro norteariam as problematizações do 3º e último encontro.

Como critério de inclusão, a professora selecionada deveria trabalhar com educação física para pessoas com deficiências na perspectiva da educação inclusiva.

Em relação aos três encontros, eles foram divididos conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Ações a serem realizadas em cada um dos três encontros relacionados à entrevista

ENCONTROS	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS
1º	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação, pelo pesquisador, dos propósitos relacionados à implementação da pesquisa.</li> <li>- Explicação, pelo pesquisador, dos objetivos da pesquisa narrativa.</li> <li>- Apresentação dos fatores de risco e benefícios da pesquisa.</li> <li>- Explicação da utilização do diário de campo e da gravação dos áudios dos encontros.</li> <li>- Entrega do roteiro da pesquisa para preenchimento e início da escrita da história de vida.</li> </ul>
2º	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura do conteúdo produzido no encontro anterior e possível readequação do texto com o acréscimo ou a retirada de possíveis informações.</li> <li>- Apresentação das possíveis problematizações levantadas após o 1º encontro.</li> <li>- Retomada da escrita do respectivo texto.</li> </ul>
3º	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura do conteúdo produzido durante os dois últimos encontros, com os apontamentos do pesquisador, para validação da professora participante com o objetivo de adequação do conteúdo para utilização no texto da pesquisa.</li> <li>- Releitura por parte da professora participante do respectivo texto, com o propósito de acrescentar ou retirar pontos que achar necessário.</li> </ul>

Fonte: elaboração própria

Para esse trabalho, nos apoiamos nos estudos que contribuíram para a interpretação dos fenômenos na forma de pesquisa narrativa e as aproximações desse relato escrito com as pesquisas (auto) biográficas, bem como refletimos sobre as memórias que implicaram e/ou implicam na sua construção identitária. Estudos desenvolvidos por Clandinin e Connelly (2015), Josso (2006) e Larrosa (2002) entre outros, estiveram presentes durante o desenvolvimento desta pesquisa narrativa e contribuíram de forma dialógica para sua constituição.

Em relação ao roteiro de entrevista, o mesmo capturou informações pessoais, bem como promoveu possíveis aproximações com a trajetória de vida da professora participante buscando, nesse contexto, suas experiências vividas por meio de provocações problematizadoras, dentre elas: a sua constituição familiar; o seu processo educacional formal e informal; a sua escolha profissional; o curso de graduação em educação física e a sua relação com a pessoa com deficiência.

Além do roteiro de entrevista, foi utilizado um diário de campo, onde foi anotado toda a movimentação (comportamental e emocional) da participante na construção do seu respectivo texto. Os áudios dos três encontros também foram gravados. Esses dois mecanismos, diário de campo e gravação do áudio, se fez necessário para auxiliar o pesquisador no momento em que o mesmo se debruçou sobre o texto desenvolvido pela professora participante, com o propósito de interpretar o referido fenômeno.

Foi sugestão da própria professora participante que o referido relato fosse escrito, tendo em vista que para ela o ato de escrever permite uma maior reflexão e evocação das suas memórias.

A professora participante a partir de agora será identificada somente pela sigla PP.

Foi utilizado um relato escrito pela PP a partir de algumas provocações ou problematizações, sem o propósito de encontrarmos o certo ou o errado e tampouco apresentarmos qualquer julgamento, pois a escrita foi livre e no tempo da mesma dentro do recorte temporal preestabelecido de até três horas.

### 3 Professora participante (PP)

A PP ao descrever a sua composição familiar, por diversas vezes, expressou a sua indignação em relação ao racismo do seu avô paterno e ainda relata que sua mãe nunca se calou diante dessa situação e que nunca deixou de conversar com os filhos sobre o que estava acontecendo.

A PP está com 43 anos de idade; é formada em Educação Física, pós-graduada em Educação Motora e pós-graduanda em Marketing Esportivo. Já participou e desenvolveu diversos cursos na área da Educação Física Adaptada e trabalhou em diferentes Instituições Públicas e Privadas do Estado de São Paulo, bem como atualmente viaja o Mundo mostrando em especial as potencialidades da pessoa com deficiência na prática esportiva.

Composição familiar: A PP vem de uma família humilde, sua Mãe veio do interior do Estado de Minas Gerais ainda muito jovem, além de tudo era uma família de *negros*. A família do seu Pai era de São Paulo e tinha uma condição financeira melhor e eram todos *brancos*. Seu pai era o filho mais velho e após a morte, muito cedo, da sua avó (mãe do seu pai) o mesmo teve que cuidar dos irmãos e trabalhar.

A contra gosto do seu Avô Paterno, seus pais se casaram. O mesmo era racista e não aceitava o casamento em decorrência da sua mãe ser negra. Por outro lado os irmãos do seu pai frequentavam a casa dos seus familiares *negros* e se davam muito bem, tal situação era a pior coisa para o seu avô paterno. Após casados, formaram uma família com 3 filhos, sendo que a PP era a mais nova dentre eles. Seus pais sempre trabalharam para dar conta do bem estar da família que nunca passou fome ou maiores necessidades, mais tudo era muito difícil e dependia do trabalho deles.

No momento da escrita da narrativa, o sujeito dialoga com sua intimidade, vão se reconstituindo reflexões e a escrita de si possibilita um autoconhecimento. Para Souza (2006, p. 135-136), a escrita de si “[...] é uma atividade formadora porque remete o sujeito para uma posição de aprendiz lhe questionando a partir dos registros que realiza sobre suas experiências”. Tais experiências possibilitam ao sujeito a reconstrução e mobilização de novos saberes, pois estão intimamente interligadas com questões sociais e culturais (TARDIF, 2008).

A construção da narrativa é subjetiva e estrutura-se temporalmente de forma não linear, mas sim no tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo. A narrativa dos sujeitos são as suas representações da realidade impregnadas de significados e (re) interpretações. O fato de a pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer tem muitos significados do que meramente contradições.

### 3.1 Sua infância

Os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos, que individual e socialmente, vivem vidas relatadas. Desta forma, o estudo da narrativa é o estudo da forma como nós seres humanos experimentamos o mundo (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

Como matéria prima da narrativa, a memória, resgatada sob a forma de lembranças narradas, permite ao sujeito tomar consciência de elementos que definem como ele se relaciona com suas percepções atuais.

Com os pais trabalhando fora para dar conta do sustendo da família, foi necessário alguém para ficar com a PP e com seus irmãos, contudo, por um descuido dessa pessoa, a PP relata que iniciou uma nova fase na sua vida como também na vida da sua mãe:

Meus pais trabalhavam fora e minha mãe tinha uma jovem que ficava comigo e com meus irmãos, certo dia estava no colo dessa jovem brincando e eu acabei caindo batendo a perna em um degrau da escada. A jovem com medo não contou o ocorrido para a minha mãe quando ela chegou do trabalho. À noite eu comecei a ter febre muito alta e meus pais sem saberem o que era me levaram ao pronto socorro da região.

Quando chegamos ao hospital viram que meu tornozelo estava vermelho e me colocaram gesso e ai começou uma *nova fase da minha vida*.

O gesso foi colocado de maneira errada, causando uma infecção na fíbula da perna esquerda (osteomielite) o que demandou anos de tratamento dentre eles cirurgias, uso de inúmeras botas ortopédicas das quais me lembro muito bem.

Ao descrever os diferentes tratamentos pelos quais foi submetida, a PP relata que com a ajuda de um amigo da sua mãe, ela conseguiu iniciar seu tratamento no Setor de Ortopedia do Hospital de Clínicas de São Paulo (HC), iniciando ali uma nova esperança para a sua recuperação.

Nesta minha infância no hospital minha mãe foi fundamental, pois me mostrava sempre que o meu problema era muito pequeno diante de tantos outros apresentados por outras pessoas que estavam ali. Que eu não poderia ser fraca a ponto de desistir ou de me entregar, sempre passeava nos corredores do hospital e via crianças em piores condições. Foram momentos muito importantes na minha trajetória (PP).

Assim, muito daquilo que vivenciamos na nossa infância constituiu-se como processos experienciais, significativos na composição da história de vida que ao ser revisitado por meio das memórias, exprimem reflexões sobre o que somos hoje, sobre nossas escolhas e sobre nossas referências de vida (OLIVEIRA, 2006).

Todo o ser humano tem uma vida vivida que não é homogênea e tampouco apresenta uma lógica, visto que todos os conflitos e tensões experimentados nessa vida vivida deixam impressões no indivíduo que injetam situações que fazem parte do seu conhecimento pessoal, fruto de episódios passados e de contextos específicos.

### 3.2 Sua escola

Quando criança, na época da escola, a PP tinha que usar botas ortopédicas, isso não a impedia de participar das atividades propostas em especial às relacionadas às aulas de educação física e ainda, desde muito cedo, sua mãe lhe apresentava o valor das diferenças e ainda era sempre orientada a não permitir que ninguém a menosprezasse. Ao relatar tal situação a PP se emocionou bastante:

Na época da escola entre as cirurgias, internações e gessos eu usava bota ortopédica. Na perna esquerda era com hastes de ferro nas laterais até os joelhos, este era o meu uniforme diariamente, lembro que teve a época da tal melissinha, sandálias da Barbie, Abelhinha e outras. Todas as meninas usavam e eu *NUNCA* pude usar, pois usei as botas até quase terminar o ginásio. Como eu era criança não entendia muito bem o porquê de eu não poder usar as referidas sandálias. Depois de muito questionar a minha mãe, no HC ela me levou para ver as próteses utilizadas pelas pessoas que tiveram que amputar em especial os membros inferiores, derrepente no local que estávamos entra uma moça sem as duas pernas utilizando cadeira de rodas. Após essa cena não questionei mais a minha mãe em relação ao uso de qualquer outro calçado que não fossem as minhas *botas ortopédicas*.

Durante o seu relato foi possível observar o valor atribuído às palavras da sua mãe em relação a “não ser fraca” e ainda a não permitir que ninguém a chamasse de “aleijadina”.

Escuto como se fosse hoje a minha mãe me falando: Filha se alguém te chamar de “aleijadinha”, chuta com a bota e mostra que você não é. Não deixem jamais que alguém a coloque pra baixo, que alguém diga que você é fraca, que não é capaz.

O relato também expressa o papel fundamental da escola, que mesmo com todas as suas restrições, proporcionou minimamente a participação dessa aluna (PP) nas atividades desenvolvidas pela instituição.

Tinha boas notas na escola, mais também algumas brigas. Eu batia por que me chamavam de aleijada ou alguém vinha me pedir ajuda, pois estava sendo humilhado.

Foi uma época muito boa, minha escola sempre me respeitou e ajudou como pode. Nunca deixei de participar de nenhuma atividade da escola por usar bota ortopédica, pelo contrário eu fui à *melhor jogadora de queimada* por muito tempo e assim conquistei a minha 1 medalha (PP).

Vale destacar que o número de matrículas na Educação Especial, de acordo com Censo da Educação Básica (2020), chegou a 1,3 milhão. Esse número representa um aumento de 34,7% em relação a 2016. As matrículas no Ensino Fundamental concentram os maiores números com 69,6% do total. Dentre as matrículas dos alunos com deficiências na Educação Básica, na faixa etária dos 4 aos 17 anos, 37,5% estavam em classes comum com Atendimento Educacional Especializado (AEE); 55,8% estavam matriculados em classes comum sem AEE e 6,7% estavam matriculados em classes especiais, exclusivas para atendimento de pessoas com deficiências.

No entanto, não basta esse aluno estar na escola, é necessário que ele, ao sair dessa instituição, tenha se apropriado das suas intervenções, e não simplesmente ter passado por ela, pois, na maioria das vezes, a escola é o único lugar que recebe esse aluno com deficiência e oferece muito pouco para ele.

Para Morim (2015, p. 79), o professor ou professora é parte central na condução do processo educacional a quem ele chama de regente da orquestra e a quem confia que pode e deve guiar a revolução pedagógica do conhecimento e do pensamento.

A educação deve criar homens capazes de criar novas coisas e não simplesmente replicar o que outros fizeram sem os devidos questionamentos, se faz necessárias mentes críticas para avaliar e questionar, com propriedade, o que está sendo proposto com a pretensão de melhorar.

### **3.3 A recusa médica: faculdade do quê?**

Ao falar da postura da sua mãe, a PP demonstra muito carinho e o quanto à maneira como foi criada e como as diferentes situações lhes foram apresentadas foi significativo, fazendo toda a diferença:



Já estava com quase 18 anos e era época do retorno ao médico. Uma data esperada, mais uma cirurgia ou não? E lá estava mais uma vez a junta médica, como era de costume. Minha mãe disse aos médicos: ela está ótima, sem dores, realizando esportes e muito feliz porque decidiu que fará a faculdade tão esperada, *Educação Física*.

Ficou um silêncio na sala e logo o Dr. Peixoto, o mais antigo da equipe, que me acompanhava por anos disse: a senhora quer perder a perna dela? Não pode? Ela precisa fazer outro curso.

De pronto minha mãe o questionou: não pode por quê? É o que ela quer, gosta e fará. Qual é o problema de fazer o que ela já faz por tantos anos?

O silêncio tomou conta da sala novamente, quando eu disse: já estou matriculada e serei *Professora de Educação Física* sim, pois graças ao esporte nunca perdi minhas esperanças (PP).

O que fica para o narrador não é o fato vivido tal e qual, mas sim o que tem significado para sua subjetividade.

A pesquisa narrativa procura compreender por meio das histórias de vida os processos de constituição dos indivíduos tendo em vista que tais relatos podem informar a respeito dos desejos de ser e de vir a ser dos sujeitos (JOSSO, 2006).

Como já mencionado, conforme Freitas e Silva (2005), o simples fato de a pessoa apresentar alguma diferença, desequilibra os preceitos sociais fazendo com que essa pessoa seja colocada frente a uma tabela de preconceitos. Antecipadamente lhes são atribuídas diferentes categorias sociais de acordo com suas características corporais (físicas) em decorrência das suas características diferenciadas, são pré-julgadas e, muitas vezes, condenadas a toda a má sorte.

Esses estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências corporais e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento a determinado grupo social de menor valor.

### 3.4 A Faculdade de Educação Física

Foi possível observar que a PP fala da educação física com muita emoção e satisfação, não demonstrando arrependimento em nenhum momento da profissão escolhida.

Em 1994 entrei para a Universidade Mogi das Cruzes (UMC), em Mogi das Cruzes. Minha irmã cursava Direito na mesma cidade, porém em outra Universidade.

Eu jogava voleibol pela Federação Paulista e ganhava um dinheiro que ajudava nas contas da faculdade, pois meus pais não tinham condições de bancar nossos estudos. No 1º ano do curso meus pais me ajudaram em algumas mensalidades e com o voleibol e estágios que consegui bancava a condução e alimentação.

Fiz a inscrição no crédito educativo e consegui uma bolsa e também jogava pela faculdade vários esportes o que ajudava mais ainda nos descontos e assim foram meus anos na faculdade. Anos difíceis, porém muito gratificantes e enriquecedores (PP).

Segundo Tardif (2008), a experiência social do indivíduo, construída durante sua trajetória de vida, isto é, dentro e fora da escola, interfere, influencia e de alguma forma, modela suas ações e interações promovendo a hierarquização das suas escolhas fazendo uma filtragem de acordo com a valorização em maior ou menor proporção daquilo que irá ou não aprender.

Por meio da Nota Técnica nº 003/2010, o Ministério da Educação (MEC) apresentou o conjunto de normas e os prazos para a sua execução em relação à formação superior em educação física no País. Nesse documento é pontuado que, a partir do ano de 2005, o curso de Educação Física seria dividido em duas graduações distintas: A Licenciatura e o Bacharel em Educação Física. O Licenciado está habilitado a atuar com a docência no componente curricular Educação Física, ofertada na Educação Básica. Já o Bacharel está habilitado a atuar nas atividades físicas e/ou desportivas que não estejam vinculadas à componente curricular Educação Física, ofertada na Educação Básica.

Em relação à Educação Especial, por meio da Resolução do Conselho Nacional de Educação nº 2 de 2001, a formação de professores para atuarem junto às pessoas com deficiências aconteceu de duas maneiras. Professores capacitados para trabalharem com a educação especial na perspectiva da educação inclusiva e também professores especializados para trabalhar com Educação Especial (BRASIL, 2001).

De acordo com a Resolução, os professores capacitados são aqueles que, na sua formação inicial, tiverem conteúdos relacionados à Educação Especial, capacitando-os para a flexibilização curricular, adaptações pedagógicas de acordo com as necessidades educativas especiais dos alunos. Já os professores especializados serão aqueles com formação específica na referida área (Pós- graduação) e que deverão implementar ações necessárias para promover a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Conforme Ramos, Winckler e Buciole (2016), a formação é de fundamental importância para o futuro profissional, pois se forem preparados para atenderem somente grupos homogêneos, não poderemos esperar seu incentivo a cooperação e respeito às diferenças. No entanto, para promover realmente a inclusão se faz necessário que ao planejar as aulas considere as diferenças e, nesse caso, leve em conta àquele aluno com deficiência. Contudo, os referidos autores avaliaram 77 professores de educação física e somente 19 deles (24,7%) relataram que observavam as características desses alunos para elaborarem as suas aulas.

A formação dos professores de educação física é muito importante para o processo de inclusão, contudo se faz necessário uma reformulação curricular para que realmente os futuros professores ao concluírem o curso de Educação Física tenham condições de assumirem uma turma e promoverem efetivamente a inclusão.

### 3.5 Estação Especial da Lapa / Onde foi parar a Psicóloga

Nesse momento, a PP, ao falar de como iniciou suas atividades para as pessoas com deficiências, ficou muito intrigada, tendo em vista que, até então, não tinha realizado essa retomada dos acontecimentos e agora lembrou, com muita clareza, da psicóloga que fez a sua entrevista. Não encontrou uma resposta satisfatória em relação ao paradeiro dessa psicóloga e ainda atribuiu a ela como sendo a maior responsável por ter se enveredado para trabalhar com pessoas com deficiências:

Em 1996 participei de uma entrevista de estágio por indicação de um ex-técnico que necessitava de alguém para acompanhá-lo. Entreguei todos os documentos necessários e aguardei para a entrevista com a *Psicóloga* e já fui dizendo da vaga que gostaria de me candidatar. A psicóloga falou calma tenho essa vaga, mais ela não vai pra você, pois temos outra mais próxima da sua casa.

Mesmo falando que meu interesse era somente para a vaga apontada pelo meu ex-técnico ela me encaminhou para a Estação Especial da Lapa (EEL) instituição mantida pelo Governo Estadual de São Paulo.

Ao chegar ao local quase sai correndo. Tinha muitos jovens, adultos, idosos com diferentes deficiências e muitos me vendo “sei lá” como professora de esportes e vieram correndo para me abraçar, beijar, me puxando para dentro do espaço querendo me mostrar tudo, o mundo deles, não gostei nada, pois estava certa de qual estágio queria desenvolver.

No dia seguinte retornei com a psicóloga, responsável pelo processo seletivo, e ela me perguntou o que eu tinha achado do local? Fui sincera: legal, mais não é o que quero para minha formação, já que não posso ficar com a vaga indicada pelo meu ex-técnico cancele o meu contrato.

Ela riu e disse: seu contrato já está feito e aprovado pela sua faculdade, só daqui a 3 meses poderá cancelar.

Para minha surpresa, ao retornar para finalizar enfim o meu contrato na tão querida e almejada Estação Especial da Lapa, acredite a psicóloga não estava mais naquela unidade e não souberam me dizer para onde ela tinha ido, apenas que meu famoso contrato realmente estava pronto faltando somente a minha assinatura com a data de 4 dias atrás.

O método narrativo considera a subjetividade individual, possibilitando que a voz desse sujeito possa ser ouvida, pois são seus fragmentos de memórias que contribuíram para a composição das múltiplas histórias, ultrapassando dessa forma

os dados estatísticos que de maneira isolada procuram revelar as interações sociais (SOUZA, 2006).

Conforme Gaio (2006), faz-se necessário olhar para esses humanos com deficiências sem piedade, mas com reconhecimento da sua dignidade enquanto humano que são, é o que se espera dos humanos que compõe essa humanidade.

### 3.6 Alta médica

Ao completar 21 anos, a PP relata que era o momento de retornar ao Hospital onde se tratou para a última avaliação em relação à possível cirurgia. Por escolha própria, foi sozinha, sem a mãe que sempre lhe acompanhou nas diversas consultas. Foi possível observar que ao descrever tal situação, ela foi realizada com muito orgulho e rico em detalhes, demonstrando o quão importante foi chegar até aqui:

Como de costume fizeram todas as medidas, todas as perguntas de costume e chegaram à conclusão de que realmente a minha a faculdade de Educação Física não modificou em nada a minha situação em relação à lesão. Disse a todos: claro que mudou minha condição, hoje sou realizada profissionalmente, pois faço o que gosto, faço aquilo que escolhi.

O silêncio tomou conta da sala e o Dr. Peixoto, já bem mais velho, apenas me olhava e sorria como quem dizia: ainda bem que vocês nos desobedeceram. A partir de hoje você esta de alta daqui e não temos como saber o que ocorreu na sua evolução, sem dores, sem encurtamento e sem secreções, não sabemos!

Fique com este papel de livre acesso e caso um dia precisar, volte aqui. Cuide-se, acompanhe sempre com ortopedista e boa sorte: *VOCÊ ESTÁ DE ALTA.*

Pelo estudo narrativo, a experiência, entendida aqui como marca que atravessa a constituição identitária das pessoas, ganha sentidos e significados, que permitem os sujeitos construir uma análise maior sobre si próprio e seu próximo (LARROSA, 2002). Para o mesmo autor, por meio do exercício da reflexão, é possível compreender as experiências, como elemento que nos tocam, nos acontece para além da mera informação das vivências cotidianas:

### 3.7 Agora professora de educação física adaptada

A relação da PP com a pessoa com deficiência, segundo ela, teve início em 1996, quando foi selecionada para estagiar na Estação Especial da Lapa. A PP, depois de formada, tornou-se professora efetiva dessa instituição, permanecendo lá até 2010, ano em que saiu para realizar outras atividades nessa mesma área e, em 2012, foi convidada para um novo desafio:

Em 2012 passei a fazer parte do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o qual é a instituição de maior importância em relação ao esporte de alto rendimento para pessoas com deficiências.

Hoje posso dizer que estou realizada profissionalmente, iniciei na Educação Física Adaptada pelo acaso e hoje estou rodando o mundo nas melhores condições, pois acreditei que poderia ser Professora de Educação Física, aprendi a acreditar que poderia desenvolver nos deficientes o que eu simplesmente vivi (PP).

O mergulho no interior possibilita ao sujeito construir sentido para a sua narrativa, através das associações livres do processo de evocação. O ato de mexer e remexer no baú da vida mexe com emoções, sentimentos, perdas, conquistas, alegrias, dentre outros diferentes sentimentos. Essa história de vida esta ancorada em inúmeras referências dentre elas sua história familiar, seu percurso social, cultural e educacional (CUNHA, 1989).

Partilhar histórias de vida permite, a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso, compreendendo seu sentido, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E, a quem nesse caso lê à narrativa, permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma com aquela narrada, possibilitando a oportunidade de aprendizagem com as experiências que constituem não somente uma história, mas o cruzamento de umas com as outras.

Os cursos de formação de professores de educação física priorizaram, e muitos ainda priorizam a formação técnica voltada principalmente para o esporte, reforçando aquilo que os alunos, futuros professores, já sabem e que, muitas vezes, serviram de critérios para os mesmos escolherem o referido curso. O esporte como sinônimo de educação física contribui para a reprodução do modelo esportivo nas aulas de educação física na escola (VELOZO, 2004).

Esse modelo de formação perpetua a simplificação por um saber instrumental que privilegia a competência técnica do docente, em detrimento da prática pedagógica, favorecendo com isso a exclusão. Seu objetivo primeiro é a seleção e a aplicação de procedimentos instrumentais que possibilitem a máxima eficácia nos resultados, mas despreocupado com o caráter pedagógico ou formação humana (SOUZA, 2002).

Esse professor não pode se ater apenas aos problemas relacionados aos métodos e técnicas educacionais, mas também a situação e as dificuldades da própria sociedade, pois a sua formação deve extrapolar o contexto da instituição que o formou para compreender os problemas socioculturais que dizem respeito ao ambiente o qual faz parte.

Vale lembrar que não existe um manual pronto para validar o desempenho do professor de educação física e que este deve estar buscando sempre inovações e aprendizados que venham somar em sua vida.

#### 4 Diálogos Possíveis

Entendemos que são as representações da realidade e as ressignificações que o narrador atribui às experiências vivenciadas que constituem fontes de aprendizagem e formação tanto pessoal, quanto profissional, pois o que fica para o narrador não é o fato vivido tal e qual, mas sim o que tem significado para sua subjetividade.

Foi possível observar certa dificuldade por parte da PP em falar de si mesma, falar do vivido, pois a busca pelo capital experiencial não é isolado sendo o referido fenômeno parte da nossa constituição que vem carregado de sentimentos.

Durante o processo de rememoração do passado, torna-se uma retrospectiva e ao mesmo tempo uma prospectiva da vida, pois o caminhar para si é o tornar-se visível para si mesmo, buscando no passado algumas respostas para o futuro.

Tanto é verdade que uma das falas da PP ao final da sua escrita foi: “Pensei que estava curada desses sentimentos, mais não estou”.

Para Larrosa (2002), ao narrar as nossas histórias e experiências para os outros, de forma escrita ou oral, elas deixam de ser somente nossas e passam a fazer parte da vida do outro, possibilitando o entrelaçamento dessas vidas, narrador e do ouvinte. Ao ler as histórias relatadas pela PP, em alguns momentos me senti fazendo parte dela bem como me fez por diversos momentos refletir sobre as minhas experiências vividas.

A PP explicitou sua experiência, mergulhou em suas memórias, algumas mais positivas, outras mais negativas, suas crenças, seus valores, seus princípios e, principalmente, sua trajetória, onde podemos refletir a cerca da profissão de professora.

Segundo Thomson (1997, p. 57), “[...] ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos ser no presente e o que gostaríamos de ser no futuro”.

A primeira situação referente à exclusão a qual a PP relata ter passado diz respeito ao seu avô paterno, o qual apresentava atitudes racistas. Essa situação perdurou até por volta dos seus 20 anos de idade quando o avô veio a falecer. A mãe sempre conversou com os filhos em relação à situação, mostrando que não poderiam se deixar intimidar por essas situações.

No seu desenvolvimento, a mãe teve papel fundamental, pois sempre falava que ela deveria ser forte e que existiam pessoas em situações piores que a dela, além disso, o papel da crença religiosa foi fundamental.

Na escola nunca deixou de participar das atividades propostas, em especial das aulas de educação física. Nunca deixou que ninguém a estabelecesse limites. A participação frequente nas aulas de educação física, fez com que escolhesse ser professora, o que teoricamente em decorrência da sua lesão seria pouco provável, fazendo com que

a junta médica lhe negasse tal escolha. Mesmo contrariando as recomendações médicas iniciou o curso de educação física o qual se tornou professora.

A PP relata que iniciou suas atividades com as pessoas com deficiências por acaso, sendo encaminhada para uma determinada instituição por uma Psicóloga que fez a seleção para determinada vaga. Inicialmente não gostou de estar naquele local, contudo após um mês já não queria mais sair de lá.

Trabalhar nessa instituição com as pessoas com deficiências lhe deu base para chegar ao Comitê Paralímpico Brasileiro. A PP relata que procurava e procura passar para os alunos/atletas que eles são capazes e que eles podem conquistar o que quiserem como a sua mãe lhe ensinou.

Todo o ser humano tem uma vida vivida que não é homogênea e tampouco apresenta uma lógica, visto que todos os conflitos e tensões experimentados nessa vida vivida deixam impressões no indivíduo que injetam situações que fazem parte do seu conhecimento pessoal, fruto de episódios passados e de contextos específicos.

Ainda refletindo sobre o ser narrador, Larrosa (1998, p. 38) afirma que “[...] quando contamos nossas histórias e experiências para os outros, de forma escrita ou oral, elas deixam de ser somente nossas, pois passam a fazer parte da vida do outro.” Assim, as narrativas possibilitam o entrelaçamento das vidas do narrador e do ouvinte/leitor.

Essa pesquisa não tem o propósito de encerrar o assunto e sim apresentar a relação íntima entre o percurso de vida e o percurso profissional, pois, conforme os relatos da PP, o tratamento dispensado aos seus alunos com deficiência está ancorado no seu desenvolvimento pessoal, pois a maneira como foi tratada pela sua mãe ela procura passar para seus alunos em relação as suas reais possibilidades.

## **5 Considerações possíveis**

O relato de vida apresentado demonstra o quanto as nossas experiências vivenciadas compõe a nossa formação, tanto profissional quanto pessoal. Somos marcados inconscientemente por todas as oportunidades pelas quais fomos submetidos no decorrer da nossa vida e isso irá refletir nas nossas ações e até mesmo nas nossas omissões.

Muito daquilo que vivenciamos na nossa infância irá reverberar no decorrer das nossas escolhas durante o percurso da nossa vida, ter essa consciência é fundamental para que possamos refletir e acima de tudo modificar o curso, pois não somos obra do fatalismo e tão pouco do conformismo.

Não temos o propósito de encerrar esse assunto e sim contribuir para essa discussão em relação à pessoa com deficiência, pois, muitas vezes, as nossas ações estão ancoradas em nossas memórias pelas quais a exclusão prevaleceu, sendo necessária a desconstrução dessas pseudoverdades para que se possa desenvolver um caminhar reflexivo e harmonioso para a real inclusão.

## Referências

- ANTUNES, H. S. *Ser aluna, ser professora: uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/198783> Acesso em: 15 dez. 2019.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) - *Censo Educação Básica, 2020*. Disponível em: [http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset\\_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6993024](http://inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6993024) Acesso em: 8 maio 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CEB n° 2, de 11 de fevereiro de 2001*. Institui diretriz nacional para a educação especial na educação básica. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 2001. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res2\\_b.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res2_b.pdf) Acesso em: 7 maio 2021.
- BRASIL. *Nota Técnica n° 003/2010*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação superior - Coordenação-Geral de Orientação e Controle, 2010. Disponível em: [https://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2010/N38\\_DEZEMBRO/18\\_O\\_SISTEMA\\_INFORMA.pdf](https://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2010/N38_DEZEMBRO/18_O_SISTEMA_INFORMA.pdf) Acesso em: 7 maio 2021.
- CASTELLANI FILHO, L. *A educação física no Brasil: a história que não se conta*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. *Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. – 2º ed. rev. – Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.
- CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. Campinas: Papirus, 1989.
- DAOLIO, J. Fenômeno social esporte na formação profissional em educação física. *Journal of physical education*, v. 9, n. 1, p. 111-115, 1998.
- DE SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. EDIPUCRS, 2006. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=Ax\\_qfC2SVcC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=Ax_qfC2SVcC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false) Acesso em: 13 dez. 2019.
- FERREIRA, F. M.; DAOLIO, J.; DE ALMEIDA, D. F. Da cultura do corpo das crianças: diferenças e significados produzidos nas aulas de educação física. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, v. 23, n. 4, p. 1217-1228, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115354182006.pdf> Acesso em: 10 jan. 2020.
- FREITAS, M. C.; SILVA, A. P. F. Escolarização, pobreza e socialização na infância e na juventude: uma proposta de plataforma de pesquisa interdisciplinar para a educação. *Eccos Revista Científica*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 57-86, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71570104.pdf> Acesso em: 10 jan. 2020.



GAIO, R. *Para além do corpo deficiente: histórias de vida*. Jundiaí: Fontoura, 2006.

JOSSO, M. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 21-40, 2006. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=Ax\\_qftC2SVcC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=Ax_qftC2SVcC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false) Acesso em: 10 dez. 2019.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/275/27501903.pdf> Acesso em: 28 dez. 2019.

LARROSA, J.B. *Pedagogia profana*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar., 2010. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9000> Acesso em: 03 maio 2021.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, E. *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

OLIVEIRA, V. F. *Narrativas e saberes docentes*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006.

RAMOS, J. M.; WINCKLER, C.; BUCIOLI, S. A. Educação inclusiva na perspectiva dos professores de educação física do município de Santo André. *Conexões*, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 1-16, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8645959> Acesso em: 7 maio 2021.

SOUZA, A. S. *O conhecimento dos professores da Leste 2 de São Paulo sobre a produção acadêmica da Educação Física nas décadas de 1980 e 1990*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275470/1/Souza\\_AdalbertodosSantos\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275470/1/Souza_AdalbertodosSantos_M.pdf) Acesso em: 2 maio 2021.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em questão*, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285> Acesso em: 28 dez. 2019.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação de professores*. Petrópolis: Vozes, 2008.

THOMPSON, A. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 15, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/11216/8224> Acesso em: 05 jan. 2020.

VELOZO, E. L. *Os saberes nas aulas de educação física escolar: uma visão a partir da escola pública*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2004. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274992/1/Velozo\\_EmersonLuis\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274992/1/Velozo_EmersonLuis_M.pdf) Acesso em: 5 maio 2021.

## Notas sobre os autores

Jorge Marcos Ramos

Doutorando em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo, UMESP, Universidade Metodista. educacao.

ramos@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3401-2715>

Adriana Barroso de Azevedo

Professora Doutora da Universidade Metodista de São Paulo, UMESP, Universidade Metodista. adriana.azevedo@

metodista.br

<http://orcid.org/0000-0002-7628-1801>

Recebido em: 23/03/2021

Reformulado em: 11/05/2021

Aceito em: 17/05/2021